

En Doiro,
antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica



Organização

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

revisão editorial

RAFAELA DA CÂMARA SILVA



estratégias criativas

PORTO

En Doiro, antr'o Porto e Gaia

Estudos de Literatura Medieval Ibérica





A PRESERVAÇÃO TEXTUAL DA LÍRICA GALEGO-PORTUGUESA

FÓLIOS SOLTOS, LIVROS, FRAGMENTOS, CANCIONEIROS...

MARIA ANA RAMOS
Universität Zürich

I. TRADIÇÃO MANUSCRITA. O CONHECIMENTO DOS MATERIAIS

As primeiras observações científicas, relativas à tradição manuscrita da produção galego-portuguesa procedem dos estudos de C. Michaëlis (1904), que se pronunciou sobre a transmissão textual das cantigas. É ainda à insigne filóloga que se deve o primeiro *stemma* e as primeiras conjeturas, mesmo se T. Braga (1870, ..., 1885) tenha também procurado reconstruir alguns procedimentos para a difusão da lírica medieval¹.

É um facto que, após o aparecimento do designado *Cancioneiro da Ajuda*, meios intelectuais portugueses se exprimiram sobre a importância do fragmento descoberto, mas nenhuma destas manifestações – é necessário insistir – propôs qualquer caracterização determinante para melhor entendimento do manuscrito. Mais do que isso. Nenhuma destas notícias enriqueceu ou restabeleceu a realidade textual das três centenas de cantigas que, do Colégio dos Nobres, passara à Biblioteca Real do Palácio da Ajuda em

-
1. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Cancioneiro da Ajuda*, edição crítica e commentada, Halle a.S., Max Niemeyer, 1904, 2 vols. Reimp. anastáticas: Torino, Bottega di Erasmo, 1966; Hildesheim-New York, Georg Olms, 1980; Lisboa, INCM, 1990, vol. II, pp. 180-288; T. Braga, *História da literatura portuguesa. Introdução*, Porto, Imprensa portuguesa, 1870, pp. 110-136; *idem*, *História da literatura portuguesa. Cancioneiros provençães: Trovadores galecio-portuguezes. Séculos XII a XIV*, Porto, Imprensa portuguesa, 1871; *idem*, *Theoria da Historia da Litteratura portuguesa, dissertação para o concurso da terceira cadeira (Literaturas modernas da Europa e especialmente a literatura portuguesa) do Curso Superior de Letras*, Porto, s.l., s.n., [Porto, Imp. Portugueza], 1872; *Segunda edição* como introdução ao *Tesouro da Língua Portuguesa* de frei Domingos Vieira, Porto, Ernesto Chardron e Bartolomeu H. de Moraes, 1873; *Curso de Historia da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Nova Liv. Internacional Ed., 1885 e, sobretudo, o seu estudo sobre o *Cancioneiro da Vaticana*, «O cancionero portuguez da Vaticana e suas relações com outros cancioneros dos seculos XIII e XIV», in *Zeitschrift für Romanische Philologie*, I (1877), pp. 41-57; pp. 179-190.

Lisboa². Foi apenas – é também essencial reiterar – após a publicação de Ch. Stuart, em 1823, que podemos começar efetivamente a mencionar a divulgação pública do primeiro testemunho da lírica galego-portuguesa, acompanhado, pouco depois, pelo achado dos cancioneiros italianos³.

Bem mais tarde, o estabelecimento de relações de parentesco entre os testemunhos, então conhecidos, permitiu a G. Tavani (1967) fixar novo *stemma*, que tem sido, até hoje, reproduzido e fundamentado sucessivamente em vários dos seus estudos. Assim se assumiu a partir desta data um quadro inicial para a produção poética através de uma «grande recolha colectiva», confeccionada no século XIV – um *livro* –, que, posteriormente, teria propiciado a cópia dos *Cancioneiros*, presentemente conhecidos (*Ajuda, Colocci-Brancuti e Vaticana*). De algum modo, reencontrávamos a intuição de C. Michaëlis: de um volume colectivo, estruturado, subsistiam apenas cópias menores⁴.

2. Deve ser corrigida a indicação da data da descoberta do *Cancioneiro da Ajuda*, ainda denominado *Cancioneiro do Colégio dos Nobres*, desde «albores do século XVIII», datação dada por Mariña Arbor Aldea («Edición e edicións: a propósito de crítica textual e lírica medieval (profana) galego-portuguesa (I)», in *Revista Galega de Filologia*, 14 (2013), pp. 11-41 (p. 12). Considerando que foi o reitor do Colégio dos Nobres em Lisboa, Ricardo Raimundo Nogueira (1746-1827), o descobridor do futuro *Cancioneiro da Ajuda*, o códice só pode ter sido encontrado depois de sua nomeação como reitor da instituição em 1802 (a descoberta deve dar-se entre esta data e 1810). Do seu achado foi dado conhecimento ao académico e diretor da Biblioteca Nacional, Ribeiro dos Santos (1745-1817), como nos informa C. Michaëlis (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 2-4). Consultem-se a este propósito as notas de Ricardo Raimundo Nogueira, agora publicadas (*Memória das Coisas Mais Notáveis que se Trataram nas Conferências do Governo (1810-1820)*, Transcrição, estudo e edição de A. Cristina Araújo, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2012, pp. 21-24). Às iniciativas frustradas da Academia das Ciências para a publicação do *Cancioneiro*, C. Michaëlis referir-se-á mais de uma vez. Expressará ainda a sua contrariedade pela demora da publicação prometida pela Academia em carta endereçada a Teófilo Braga, de 6 de abril de 1878: «... Je ne veux plus compter sur les promesses de l'Académie de Lisbonne qui a aussi annoncé de sa part une édition de ce même Cancioneiro...» (M. Augusto Rodrigues, *Correspondência para Teófilo Braga de lentes de Coimbra e outros intelectuais*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica – Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1988, p. 43; Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 4-5; p. 19).
3. Charles Stuart de Rothesay, *Fragments de hum Cancioneiro Inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, Paris, Tipografia da Embaixada Britânica, 1823. Releiam-se os significativos comentários de F. Diez na recensão à publicação de Charles Stuart, *Berliner Jahrbücher für Wissenschaftliche Kritik*, Berlin, Duncker und Humblot, 1830, pp. 161-172; pp. 165-166 (reed. em F. Diez, *Kleinere Arbeiten und Recensionen*, Herausgegeben von Hermann Breymann, München, R. Oldenbourg, 1889) e consulte-se igualmente a recensão de F.-J.-M. Raynouard, à mesma edição, publicada no *Journal des Savants*, par Académie des inscriptions & belles-lettres Gaston Bruno Paulin Paris, Institut de France, 1825, pp. 488-495. O *Cancioneiro da Vaticana* foi identificado por F. Wolf cerca de 1840 e o *Cancioneiro Colocci-Brancuti* foi dado a conhecer em 1875.
4. G. Tavani, «La tradizione manoscritta della lirica galego-portoghese», in *Cultura Neolatina*, XXVII (1967), pp. 41-94. Reimp. *Poesia del Duecento nella Penisola Iberica*, Roma,

A tradição italiana, datável da primeira metade do séc. xvi, passou a ser a mais contemplada pela crítica, por ser depositária de maior número de textos, pela comparência de rubricas atributivas, e por proporcionar múltiplas informações, através de notas de Angelo Colocci, acerca desta produção medieval⁵.

Os testemunhos ibéricos mais antigos, que se conservaram (*Pergaminho Vindel*, *Pergaminho Sharrer*, etc.⁶), convidam ainda a refletir no modo de constituição de recolhas, ou de coleções-florilégios, como também impõem a averiguação da materialidade tanto dos testemunhos soltos, como dos mais ordenados, que possa comprovar o modo de preservação destes documentos (fólios, bifólios, *cancioneiro-fragmento* e cancioneros mais completos).

Ao retomar a presumível sucessão de procedimentos físicos, procurarei agora, nesta reflexão, não só precisar a cronologia relativa de alguns destes atos, como prognosticar o ambiente que os pôde conservar, focalizando-me no fragmento mais consistente, *Cancioneiro da Ajuda*⁷. A conservação de um *livro* apoia-se no resguardo dos seus cadernos,

Ed. dell'Ateneo, 1969, pp. 77-179; trad. port. *Ensaio Portugueses. Filologia e Linguística*, Lisboa, INCM, 1988, pp. 55-122; *idem*, «A proposito della tradizione della lirica galego-portoghese», in *Medioevo Romano*, VI (1979), pp. 372-418; *idem*, «Ancora sulla tradizione manoscritta della lirica galego-portoghese (quarta e ultima puntata)», in *Rassegna Iberistica*, 65 (1999), pp. 3-12; *idem*, «Eterotopie ed eteronomie nella lettura dei canzonieri galego-portoghese», in *Estudis Romanics* (2000), pp. 13-28, republ. em G. Tavani, *Tra Galizia e Provenza. Saggi sulla poesia medievale galego-portoghese*, Roma, Carocci, 2002, pp. 13-28.

5. J. M. D'Heur, «Sur la tradition manuscrite des chansonniers galiciens-portugais (Contribution à la Bibliographie générale et au *Corpus des Troubadours*)», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, VIII (1974), pp. 3-43; E. Gonçalves, «La Tavola Colocciana Autori portoghese», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, X, (1976), pp. 387-448; *idem*, «Sobre a tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa: conjecturas e contrariedades», in *eHumanista*, 8 (2007), pp. 1-27; *idem*, «Sobre edições da lírica galego-portuguesa: uma reflexão», conferência apresentada ao *II Congresso Virtual sobre Edição de Texto*, organizado pelo Departamento de Literaturas Românicas da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa, em abril de 2007; A. Ferrari, «Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese della Biblioteca Nazionale di Lisbona (cod. 10991: Colocci-Brancuti). Premesse codicologiche alla critica del testo (Materiali e note problematiche)», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, XIV (1979), pp. 27-142; *idem*, «Le chansonnier et son double», in Madeleine Tyssens (ed.), *Lyrique Romane Médiévale. La Tradition des Chansonniers. Actes du Colloque de Liège 1989*, Liège, Bibliothèque de la Faculté de Philosophie et Lettres de l'Université de Liège, 1991, Fascicule CCLVIII, pp. 301-327; *idem*, «Perché non possiamo non dirci eteropici ed eteronomici», in M. Arbor Aldea – A. F. Guadanes (eds.), *Estudos de edición crítica e lírica galego-portuguesa*, Santiago de Compostela, Verba, Anexo 67 (2010), pp. 103-114.
6. Uma visão de conjunto sobre a constituição da tradição galego-portuguesa deve ser consultada em E. Gonçalves, «Tradição manuscrita da poesia lírica», in G. Lanciani e G. Tavani (org. e coord.), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, pp. 627-632. Para a compilação dos materiais e sua estruturação, cf. António Resende de Oliveira, *Depois do espectáculo trovadoresco. A estrutura dos cancioneros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Edições Colibri, 1994.
7. Concentrei-me já no modo de composição desta coleção poética e na caracterização da sua escrita (Maria Ana Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e escrita*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 2008, I e II vols.).

através de um invólucro, de uma *encadernação*, ainda que rudimentar. Encadernar, no seu sentido mais limitado, corresponde a *unir*, ordenadamente, por meio de uma costura consistente, os cadernos de uma obra que está concluída, para formar um volume compacto, ornamentando-o com uma *capa* para proteção e adorno. Se um *livro*, como o *Cancioneiro da Ajuda*, não foi finalizado e nem sequer numerado, é compreensível imaginá-lo desprovido de uma primeira encadernação e considerá-lo, aparentemente, como impróprio à circulação entre possuidores e bibliotecas.

Alguns elementos, ainda hoje patentes (tábuas primitivas, o protótipo decorativo da encadernação, o modelo dos fechos metálicos, etc.), podem permitir aclarar o itinerário provável do *Cancioneiro da Ajuda*, depositado sem cota na Biblioteca do Palácio da Ajuda em Lisboa desde o século XIX, entre a sua preparação medieval interrompida e a sua preservação em Portugal.

2. A TRANSMISSÃO TEXTUAL. A PRECARIÉDADE DOS MATERIAIS

É facto bem conhecido que a tradição textual galego-portuguesa é pobre e a sua transmissão distingue-se por alguma instabilidade. As duas coleções poéticas, executadas na Itália humanista, são as únicas que podem ser qualificadas como *cancioneiros* no sentido em que são e foram efetivamente um *livro* e de um *livro* devem ter sido copiadas – *Livro das Cantigas* – do Conde D. Pedro, datável de 1340-1350⁸. De outros empreendimentos sobram-nos porções textuais, que subsistiram apenas como *fragmentos*, resultantes possivelmente de *livros* que se destroçaram. *Fragmento* é o bifólio, que nos propicia o ciclo poético de Martin Codax. Após os imprescindíveis estudos de M. P. Ferreira (1986; 1998; 2009-2010, 2016), é inegável considerar tanto o seu uso como folha volante, como a impossibilidade de o entrever como indício de uma circulação textual identificável a um *rol*. Além disso, o musicólogo português não excluiu a possibilidade de podermos admitir que o bifólio possa ter sido, a certa altura, integrado ou ter feito parte de um caderno em um volume colectivo manuscrito⁹.

8. O conde D. Pedro no seu testamento inscrevia a primeira referência a um *livro* organizado com *cantigas* de trovadores («Item mando o meu Livro de Cantigas a El Rey de Castella»). Cf. A. Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, ed. rev. por M. Lopes de Almeida e C. Pregado, Coimbra, Atlântida, 1946, vol. I, pp. 174-177 (p. 176).

9. O fragmento, conhecido pelo nome de Pergaminho Vindel, é um bifólio em pergaminho, conservado atualmente na Pierpont Morgan Library de Nova Iorque, relator da tradição poética do jogral galego, Martin Codax, ativo em meados do séc. XIII. Para o seu estudo, consultem-se os trabalhos de M. P. Ferreira, *O Som de Martin Codax. Sobre a dimensão musical da lírica galego-portuguesa (séculos XII-XIV)*, prefácio de C. F. da Cunha, Lisboa, UNISYS – INCM, 1986. Ao recente ensaio publicado por S. Marcenaro («Nuove acquisizioni sul Pergaminho Vindel (New York, Pierpont Morgan Library, ms. 979)», in *Critica del Testo*, XVIII, 1 (2015), pp. 33-53), devem ser, no entanto, feitas algumas observações: em 1986, M. P. Ferreira não identificava o segundo copista musical com o primeiro copista do texto; considerava que a música das cantigas II e III fora introduzida por uma mão, distinta das anteriores e a notação

Fragmento é também o suporte material, que contém seis cantigas de amor e o início de uma sétima de D. Denis com a respectiva notação musical, encontrado e identificado por H. L. Sharrer como um bifólio em pergaminho supérstite de um provável cancioneiro de grandes dimensões, que conteria entre outros poetas, cantigas do rei D. Denis, datável do séc. XIII^o.

Mas deve também ser considerado *fragmento* o objeto que designamos como *Cancioneiro da Ajuda*. Não um *fragmento*, ruína de um *livro* completo, que tenha sido, entretanto, destruído, mas um *fragmento* subsequente a um projeto de cópia de *cantigas de amor*, nos finais do séc. XIII, princípios do séc. XIV, que nunca chegou a ser terminado e que não foi, portanto, integralmente organizado como um exemplar rematado. Não tendo sido um *livro pronto*, não chegou por esse motivo a ser submetido a uma encadernação original, que o tivesse protegido e sustentado na totalidade. Ao não poder ser descrito como *sobras* de um cancioneiro destruído, o conjunto de cadernos ajudenses, que persistiu, confirma um intuito programático de um compilador que, por uma ou várias causas, foi suspenso¹¹.

Portanto, subtraindo os *livros* coloccianos, todos os materiais preservados devem ser examinados como *fragmentos*, incorporando também a esta noção o próprio *Cancioneiro da Ajuda*.

musical da cantiga III possuía um módulo diferente das restantes («Codax revisitado», in *Anuario de estudos literarios galegos* (1998), pp. 157-168). Nos dois volumes, publicados em 2009 e 2010, voltou ao tema, onde expunha já resultados e conjecturas que S. Marcenaro repropõe naquele ensaio. Cf. M. P. Ferreira em *Aspectos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, Lisboa, INCM – Fundação C. Gulbenkian, 2009-2010, e, em particular, na *Adenda* ao vol. I – *Novas observações sobre o Pergaminho Vindel*, vol. II, p. 255). Leia-se, por último, a síntese do estudioso português: «Ler o Pergaminho Vindel: suporte; textos; autor», in G. V. Lopes – M. P. Ferreira (eds.), *Do canto à escrita: novas questões em torno da Lírica Galego-Portuguesa – Nos cem anos do Pergaminho Vindel*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais – Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical, 2016, pp. 19-28.

10. As cantigas não são acompanhadas de rubrica atributiva, mas encontram-se transcritas pela mesma ordem que as conhecemos através dos cancioneiros *Colocci-Brancuti* e *Vaticana*. Trata-se das cantigas correspondentes a B 524, B 525, B 526, B 527, B 528, B 529 e B 520^{bis} e de V 107 a V 113; as seis primeiras (B 524-B 529) substancialmente completas (ainda que com lacunas devidas à má conservação do pergaminho), e a última (B 520^{bis}) apenas com o primeiro verso e o início do segundo. Escrito a três colunas, sem número de foliação, o texto poético está copiado como se fosse prosa, mas com assinalação de separação de versos e com mudança de tipo de escrita entre a primeira estrofe e as seguintes (H. L. Sharrer, «Fragmentos de Sete Cantigas d'Amor de D. Dinis, Musicadas – uma Descoberta», in *Actas do Congresso da Associação de Literatura Medieval*, Lisboa, Ed. Cosmos-Colecção Medievalia, 1991, vol. I, pp. 13-29).
11. No estudo sobre a elaboração do cancioneiro, procurei conjecturar várias etapas no seu ordenamento e causas eventuais da sua interrupção (Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e escrita*, vol. I, pp. 463-518; vol. II, pp. 637-696).

3. MATERIAIS SOLTOS E *DESCRIPTI*

Além dos testemunhos compactos (*Cancioneiro Colocci-Brancuti* e *Cancioneiro da Vaticana*), do *cancioneiro-fragmento* da Ajuda e das peças isoladas (*Pergaminho Vindel*, *Pergaminho Sharrer*), deve mencionar-se outro *fragmento*, a *Arte de Trovar*, que, embora anexada ao *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, é de cronologia ulterior e pode ter tido transmissão diferenciada do repertório poético¹². Deverá também ser examinada de modo diverso a inclusão do ciclo de cinco *lais*, transcrito no início do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, decorrente de uma elaboração mais tardia e com incorporação agregada a uma compilação presumivelmente já constituída. A autonomia deste breve conjunto poético e a atração pelo ciclo bretão são corroboradas pela comparação destes mesmos textos em uma miscelânea, composta por secções heterogéneas, em grande parte constituídas por papéis provenientes da biblioteca de Colocci, conservada na Biblioteca Vaticana (Vat. Lat. 7182)¹³.

Parágrafo à parte merecem outras cópias avulsas. Foi talvez o prestígio linhagístico – família Resende – que deve explicar o sucesso da retranscrição de uma tenção entre D. Afonso Sanches e Vasco Martins de Resende, recopiada três vezes em três suportes distintos. Duas cópias seiscentistas em *Miscelâneas*, provenientes de um exemplar talvez datável do séc. XIV, uma depositada no Porto (Ms. 72 do Fundo Azevedo Ms. 419, Biblioteca Pública Municipal) e outra em Madrid, talvez de 1625 (Ms. 9249 da Biblioteca Nacional). E é igualmente em Madrid que se preserva outra reprodução da mesma tenção (Ms. 3267 da Biblioteca Nacional) datável de c. de 1700¹⁴.

Embora mais completo, não deixa de ser um *codex descriptus* o *Cancioneiro*, atualmente depositado na Bancroft Library (University of California, Berkeley). Cópia também seiscentista (entre 1592 e 1612) do *Cancioneiro da Vaticana* (Vat. Lat. 4803), do ponto de vista textual, mesmo se algumas vezes elucida o manuscrito vaticano, não completa infelizmente lacunas originárias ou constitutivas, sofridas pelo *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*, em particular a acefalia inicial que o priva de cerca de 390 cantigas (a cantiga V 1 corresponde no *Cancioneiro Colocci-Brancuti* à cantiga B 391)¹⁵.

12. A última edição crítica da arte poética fragmentária é da responsabilidade de G. Tavani (*Arte de Trovar do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa. Introdução, edição crítica e fac-símile*, Lisboa, Colibri, 1999).

13. A descrição do sector da miscelânea, que contém estes *lais* (fl. 276r; 276v; 277r; 277v; 278r; 278v), encontra-se em A. Ferrari, «Lai», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, pp. 374-378. Descrição do conteúdo da *Miscelânea* no catálogo de manuscritos disponível no *site* da Biblioteca Apostolica Vaticana <<http://www.mss.vatlib.it/gui/console?service=shortDetail&id=11911>>.

14. Além das menções a estas cópias tardias, disponíveis nos verbetes dedicados aos dois poetas de M. Barbieri e E. Gonçalves no *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, pp. 21-23; pp. 650-651, muito agradeço a H. L. Sharrer a indicação da cópia da BN de Madrid (Ms. 3267) com registo e descrição disponíveis em Textid BITAGAP.

15. Esta transcrição foi vista por F. A. de Varnhagen em 1857, que dela publicou algumas composições. Descrição disponível do manuscrito 2 MS DP3 F3 (MS UCB 143), vol. 131 em

Capítulo ainda mais à parte deve ser constituído pelas cópias manuscritas produzidas em ambiente intelectual português, conseqüentes à exaltação nacional, ainda romântica, após a revelação da presença de um *Cancioneiro* «velho» em Portugal¹⁶. Estas cópias não apuram – é proveitoso recordar – a essência textual do que nos foi transmitido pelo códice – *Cancioneiro da Ajuda* –, nem podem ser reputadas como testemunhos textuais, ampliando, por conseguinte, o *stemma* da tradição manuscrita galego-portuguesa. Não contribuindo para a história do *Cancioneiro da Ajuda*, servem, sim, para julgarmos o desempenho de alguns centros intelectuais portugueses e seus procedimentos em relação ao património cultural. Alguns ensaios, datados dos últimos anos, com a indicação explícita em seus títulos de cotas de manuscritos de bibliotecas em Portugal e nos Estados Unidos, parecem anunciar a descoberta de novos manuscritos que engrandeceriam a tradição manuscrita lírica galego-portuguesa. No entanto, estas cópias oitocentistas subsidiam apenas o conhecimento de trâmites pré-editoriais do *Cancioneiro da Ajuda*, ao retomarem parcialmente o importante capítulo de Carolina Michaëlis – *Resenha Bibliographica* –, que, em uma centena de páginas, inaugurava o volume com o *status quaestionis* sobre os estudos preliminares dedicados à história do *Cancioneiro da Ajuda* (II vol.)¹⁷. A hiperva-

BITAGAP, Manid 1666. A sua importância é relativa para a *recensio*, podendo integrar em alguns casos a *eliminatio codicum descriptorum*.

16. Estas cópias são mencionadas por C. Michaëlis no § 104, ao dar notícia das transcrições efetuadas entre 1819 e 1849. A este propósito, podemos, por exemplo, mencionar a informação, que nos faculta, acerca da cópia, que foi executada para o Morgado de Mateus, em posse de Teófilo Braga. Este traslado encontra-se atualmente nos Açores em Angra do Heroísmo na Biblioteca Pública e Arquivo Regional, com a cota TB MS 30 RES. À cópia parcial falta a primeira página com o primeiro verso da cantiga A 1 [*Deus meu senhor se vos prouguer*], o primeiro poema do original [VFdzSend] e conclui com a transcrição da cantiga A 261 [*Nostro Senhor que eu sempre roguei*] [FerVelho]. Encontra-se acompanhada por um índice, em letra de mão posterior, com os textos que «faltam», e com identificação com os do ms. Colocci-Brancuti na edição de 1880 de E. Molteni, ou no *Cancioneiro da Vaticana* na edição de 1870 de F. A. Varnhagen. Notícia sobre este ms. em BITAGAP Manid 4042. Teófilo Braga a ela se referia nos parágrafos, que dedicou ao *Cancioneiro da Ajuda* (descoberta, passividade da Academia das Ciências, apesar da cópia efetuada na previsão da publicação [Ms. Az. 586]; a publicação da edição de Charles Stuart, etc.), em *Theoria da historia da litteratura portugueza*, 3ª ed., Porto, Imprensa Portugueza Editora, 1881, pp. 195-201 (p. 196). Cf. ainda J. da Cunha Neves e Carvalho Portugal, «Proposta para a impressão do antigo Cancioneiro do extinto Collegio dos Nobres», in *Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Typografia da mesma Academia, 1849, vol. I, pp. 48-54 e J. P. Machado, «Uma proposta para a impressão do “Cancioneiro do Colégio dos Nobres”», in *Revista de Portugal, Série A: Língua Portuguesa*, XXXI (1966), pp. 119-128.
17. Foi em 2004 que H. L. Sharrer chamou a atenção para estes materiais, referindo-se à «descendência» do *Cancioneiro da Ajuda* («Estado actual de los estudios sobre el Cancioneiro da Ajuda», in *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois. Congreso internacional, 25 a 28 de Maio 2004*, Santiago de Compostela, Xunta de Galicia, 2004, pp. 41-54). Não se tratando efetivamente de uma «descendência», no sentido em que a crítica textual entende a tradição manuscrita, este levantamento de H. L. Sharrer motivou os estudos de M. Arbor – C. Pulsoni, «II *Cancioneiro da Ajuda* prima di Carolina Michaëlis (1904)», in *Critica del Testo*, VII/2 (2004),

lorização destas *cópias* não deixa de entrever o desejo subjacente ao ambicionar o aumento do número de testemunhos para a tradição manuscrita da lírica galego-portuguesa, que todos gostaríamos, por certo, de ver enriquecida.

Como apreciar, se não para finalidade documental, a cópia que o Bibliotecário da Biblioteca Pública de Évora, Cunha Rivara, efetuou dos fólhos que pertenciam à sua instituição e que, por «ordem superior» com um ofício de 4 de março de 1843 de Alexandre Herculano (diretor da Biblioteca da Ajuda 1839 a 1877¹⁸), lhe foram solicitados para

pp. 721-789; *idem*, «Per la storia del Cancioneiro da Ajuda: 1. Dalla sua compilazione a Ribeiro dos Santos», in *Parola del testo*, X (2006), pp. 59-117 ; C. Pulsoni, «Il Cancioneiro da Ajuda e dintorni», in V. Beltran, M. Simó e E. Roig (eds.), *Trobadors a la Península Ibérica. Homenatge al Dr. Martí de Riquer*, Barcelona, Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2006, pp. 285-310.

18. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara (1809-1879) foi nomeado em 1838 pela rainha D. Maria II (1819-1853) como diretor da Biblioteca Pública da cidade de Évora, sendo o primeiro responsável da instituição nomeado pelo Estado e primeiro leigo a ocupar o cargo. Entre 1838 e 1855, reorganiza a biblioteca com catalogação e inventário. *Cf.* em particular a sua notícia sobre o *Cancioneiro da Ajuda*, ainda conhecido como *Cancioneiro do Colégio dos Nobres*, «O Cancioneiro do Collegio dos Nobres», in *O Panorama*, IV (1842), pp. 406-407. Como bom bibliotecário, procede a registos. Conservam-se em pastas os elementos que o bibliotecário foi coligindo para a futura publicação do *Catálogo*. A breve notícia sobre os fólhos ajudenses é posterior a 1832, data da transferência do *Cancioneiro* para a Biblioteca da Ajuda, e anterior a 1843, data em que, por decisão governamental, os fólhos foram transferidos para a Biblioteca da Ajuda, como se infere da nota, em letra mais pequena, na mesma pasta, em que foi anotado: «NB As próprias foram por ordem do Ministerio do Reino entregues na Secretaria do Governo Civil em 28 de Maio de 1843 de cuja entrega serve de recibo o officio do Secretario Geral ao Bibliothecario, com data de 30 do mesmo mês; e que se conserva no Masso competente». Na cota, em que estavam as onze folhas de pergaminho, encontra-se agora cópia dos textos que Rivara teve o cuidado de fazer antes de os originais serem enviados para Lisboa. Em nota posterior, foi acrescentado: «Foram impressas na 2ª edição do mesmo Cancioneiro por Varnhagen em Madrid, 1849». J. H. Cunha Rivara especifica ainda o envio dos materiais para Lisboa para a Biblioteca Real (futura Biblioteca da Ajuda), que foram rececionados a 26 de Junho de 1843, confirmado por A. Herculano com um ofício de 5 de Julho de 1843 (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, p. 100). Estes fólhos suscitaram naturalmente interesse e foram recopiados tanto pelo próprio Cunha Rivara (Biblioteca de Évora, MS. CXIV / 2-34), como por A. Nunes de Carvalho (BN COD. 11191), ou ainda por T. Norton (Hispanic Society of America, New York, Ms. HC 380-776). Para estes *descripti*, que não contribuem para a restituição crítica textual, alguns ensaios têm procurado descrever o interesse português oitocentista pela descoberta (Mariña Arbor Aldea, «Notas para a história do *Cancioneiro da Ajuda*: as cópias dos folios de Évora (Lisboa, BN. COD 11191; Évora, BP, Ms. CXIV/2-34)», in A. López de Castro e L. Cuesta Torre (eds.), *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval, Univ. de León, 20-24 de septiembre de 2005*, León, Univ. de León, 2007, vol. I, pp. 217-227; *idem*, «Notas para a história do *Cancioneiro da Ajuda*. II: O Ms. Hc 380-776 (Hispanic Society of America, New York)», in E. Corral Díaz, L. Fontoira Suris e E. Moscoso Mato (eds.), *A mi dizem quantos amigos ey. Homenaxe ao professor Xosé Luís Couceiro*, Santiago de Compostela, Univ. de Santiago de Compostela, 2008, pp. 45-56).

Lisboa? Na pasta referente à cota CXIV/2-34, como recordou Isabel Cepeda em 2004, pode efetivamente ler-se:

«São onze folhas que foram arrancadas do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, o qual está hoje na Real Bibliotheca da Ajuda. Já andavam extraviadas quando o Sr. Carlos Stuart imprimiu o Cancioneiro em Paris. 1823».

É assim também que no *Catalogo de Manuscriptos*, no tomo II, *que comprehende a Litteratura*, publicado em 1868, a ocorrência ficou asseverada com a indicação de «Onze folhas do Cancioneiro do collegio dos nobres, copia da letra do Sr. Rivara. As originaes foram por ordem superior para a bibliotheca da Ajuda, onde se conservam com o volume de que faziam parte»¹⁹. Dado que os fólhos primitivos subsistem sem acidentes textuais ulteriores, o procedimento de Rivara confirma-nos apenas a data da transferência de uma biblioteca para outra, mas em nada intervém na veracidade textual ajudense.

Como interperlar então este tipo de *descripti* modernos? Um exemplo deve interperlar-nos: os manuscritos avulsos de D. Carolina, preparatórios para a edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda* com transcrição de cantigas, que se encontram agora depositados com cota na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, devem também ser considerados *cópias* proeminentes do *Cancioneiro da Ajuda*²⁰?

Mais ainda. Como nos comportaremos, dentro de alguns anos, se nos confrontarmos, com os originais manuscritos, ou dactiloscritos, do paleógrafo americano H. H. Carter, quando preparava a edição diplomática do *Cancioneiro da Ajuda*, publicada em 1941? Também como mais uma *cópia* relevante do *Cancioneiro da Ajuda*, eventualmente adquirida por uma biblioteca e provida de uma cota²¹?

Mesmo nos casos de traslados manuscritos, que são prévios à edição de C. Michaëlis, e que poderiam elucidar o estágio primitivo do manuscrito, é impreterível lembrar que a filóloga luso-alemã nunca dissimulou a sua responsabilidade no seu entendimento material e textual. Recorde-se o que explicitamente nos diz quanto à deslocação do atual fl. 74, que se encontrava solto, no início do códice, antes do *Nobiliário*, como folha de guarda; ou à recolocação do fólho, que esteve colado à pasta anterior (fl. 88), ou à sua intervenção na intercalação dos fólhos eborenses, que presumia como a mais apropriada. Não

19. Isabel V. Cepeda, «A antiga cota do Cancioneiro da Ajuda», in Maria Ana Ramos e Teresa Amado (orgs.), *À volta do Cancioneiro da Ajuda. Colóquio Cancioneiro da Ajuda 1904-2004. Faculdade de Letras de Lisboa – Biblioteca da Ajuda, 11, 12 e 13 de Novembro de 2004, e-book*, Lisboa, INCM, 2016, pp. 67-68.

20. Os rascunhos prévios ao trabalho editorial de Carolina Michaëlis podem demonstrar-nos geneticamente o exercício da prática filológica, antes do conhecimento dos cancioneiros italianos (história do método).

21. *Cancioneiro da Ajuda*. A Diplomatic Edition, New York-London, Modern Language Association of America, Oxford University Press, 1941. Reimp.: Milwood, New York, Kraus Reprint Co., 1975; Reimpresso pela primeira vez em Portugal com introdução, «A edição diplomática do *Cancioneiro da Ajuda*», de Maria Ana Ramos, Lisboa, INCM, 2007.

deixará de se congratular depois – di-lo expressamente –, com o paralelismo confirmado pelo *Cancioneiro Colocci-Brancuti*. Este rigor científico não lhe deve, de modo algum, ser minimizado²².

4. A PRESERVAÇÃO DOS MATERIAIS

Além dos materiais desligados (*Pergaminho Vindel*, *Pergaminho Sharrer*) com preservação conturbada (suporte de encadernações de outros objetos²³), os cancioneiros coloccianos conservaram-se como *livros*, tendo-se mantido, portanto, com maior solidez física, apesar de, tanto o *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, como o *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*, exibirem desordenação e lacunas de origem, ou de organização²⁴. O *fragmento-cancioneiro* da Ajuda, não tendo chegado a ser instituído segundo as normas de um *livro*, como é que foi salvaguardado?

É essencial lembrar que a encadernação que o protege, hoje, não é um resguardo coetâneo da data de confeção do *Cancioneiro*. A observação deste invólucro não pode convergir, portanto, para um trabalho medieval, efetuado no termo da cópia integral das cantigas que o constituiria.

O resguardo do códice no momento da sua primeira publicação encontrava-se sumariamente descrito com menção às pastas de madeira²⁵. Também na folha anexa, de

-
22. «... a folha de início [antes do *Nobiliario*] pertence ao Cancioneiro. Achando-a desmembrada de um dos fascículos, o encadernador colocou-a á testa do volume como *custode*, por não saber qual logar assignar-lhe...». E em relação aos fólhos de Évora: «... Às 11 folhas descobertas na capital do Alemtejo, numeradas por Herculano de I a XI, dei eu, ao começar os meus estudos, a numeração 117 a 127, indevidamente. Dos sitios que realmente lhes competem, como reconheci pouco depois [...] dá ideia o quadro dos cadernos. [...] A ordem que por este simples processo apurei em 1877 [exame material do pergaminho], foi tres anos mais tarde [1880] plenamente confirmada pelo confronto com as partes analogas do apografo italiano CB. Só num caso, em que as folhas (V a X) cortadas direitinhas, exatamente pela dobra, formam um caderno coherente no fundo e na forma, o expediente não podia surtir efeito [caderno VII] (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 135-137).
23. Tanto o *Pergaminho Vindel* como o *Pergaminho Sharrer* serviam de reforço a encadernações. O primeiro como forro de um códice do século XIV, *De officiis* de Cícero; o segundo, também como suporte na encadernação de um livro de registo de documentos notariais (certidões, doações, escrituras de venda, arrendamento, etc.) de Lisboa do ano de 1571 (Ferreira, *O Som de Martin Codax...*, pp. IX- XIV; Sharrer, «Fragmentos de Sete Cantigas d'Amor de D. Dinis...», pp. 13-16).
24. Para o estudo de estes dois cancioneiros, ver a análise codicológica de Ferrari, «Formazione e struttura del Canzoniere Portoghese...», pp. 27-142 e «Cancioneiro da Biblioteca Vaticana», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, pp. 123-126.
25. «[...] A encadernação he em pastas de madeira, como antigamente se uzava, cobertas de bezerro com varios labores, e assim mesmo he mais moderno que o manuscripto. A guarda, ou forro interior das pastas he de pergaminho, e a da parte do principio era huma folha do Can-

1824 ou 1825, de atribuição presumível a Timotheo Lecussan-Verdier, foi assinalada a referência ao estado da encadernação com tábuas e cobertura de pele de bezerro²⁶.

No arquivo manuscrito, *Catalogo Da Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, BN COD. 7394, elaborado por António Manuel Policarpo da Silva, livreiro, com a data de 1829, a inscrição do futuro *Cancioneiro da Ajuda* comparece depois da primeira relação dos exemplares nela existentes. Mais do que a qualidade da encadernação, deve notar-se a referência ao grande formato – «He volume de grande marca» –²⁷.

Os apontamentos mais escrupulosos, relativos à encadernação do *Cancioneiro da Ajuda*, procedem, sem dúvida, da observação de C. Michaëlis, que se exprimiu, em primeiro lugar, sobre os danos textuais no momento em que o conjunto foi integrado nas pastas, (cerceamento de alguns fólhos), evocando para o modelo decorativo uma eventual procedência portuguesa, e reparando que o estrago dos fechos a impedia de presumir a eventual espessura do volume²⁸.

cioneiro, mas avulsa, porque o seu conteúdo não pega com o paragrapho, que se acha escripto na primeira folha [...]» (Stuart, *Fragments...*, [v]).

26. «[...] Duas tabuas delgadas, cobertas de bezerro com varios labores, e segundo o antigo modo de encadernar, servem de capa e reuinem n'um so volume este Cancioneiro e um Nobiliario. Esse aggregado de duas obras, tam diversas em seo conteúdo, quanto em seo stylo, indica que nem sam coévas, nem merecéram a quen-as juntou egual apreço; pois ao Nobiliario, posto que truncado, foi sacrificado o Cancioneiro, como he facil vêr-se do estado em que este se acha [...] (Stuart [Lecussan-Verdier], *Fragments...*, [i]).
27. Referi-me já a este catálogo e às hipóteses interpretativas quanto a esta inscrição. O inventário apresenta um subtítulo *Livros Portugueses Manuscriptos* com uma relação de vários objectos como *Cartas dos Jesuitas da India* (2), *Tratado do Baptismo de Jesus Christo ou Vita Christi* 1489 (2), *Vocabulario de Lingoa Asiatica Portuguesa*. Os *Livros Manuscriptos de Folio somão* 24. Após a *Recopilação dos Livros de Folio Portugueses* é assinalado na p. 6 [7], pela mão do mesmo livreiro Ant^o M. Policarpo da S^a a seguinte indicação: «Ha mais hum Livro escripto em Pergaminho, com 114 folhas das quaes 39. /são de Genealogias de Fidalgos, e 75 contem Poesias que parecem todas ao mes / mo objecto. Tudo indica bastante antiguidade, mas pode-se colligir do Tratado / Genealogico, que foi escripto depois do que escreveo o Conde D. Pedro, por isso / que falla delle este Manuscripto. He volume de grande marca – //» (Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confecção e escrita*, vol. I, pp. 50-55; Cepeda, «A antiga cota do Cancioneiro da Ajuda», pp. 61-70 (pp. 65-66)).
28. Deve-se à estudiosa luso-alemã a primeira descrição técnica, que sublinha o «estylo renascença» com motivos filomórficos e minucia as primordiais características do trabalho da pele de uma encadernação em carneira com as dimensões de 460 x 348 milímetros. Constatava que os fechos se encontravam partidos, que a ausência de lombada era notória e que alguns orificios de inserção dos nervos, por onde deveriam ter passado outros elementos de ligação, como correias de pergaminho, tinham desaparecido, o que, por outro lado, muito lhe facilitara o exame da constituição dos cadernos. Considerava ainda que os cadernos tinham sido cosidos uma única vez, e não repetidamente, o que podia proporcionar-nos um indício de que este fragmento poético não deveria ter beneficiado de mais de uma encadernação. E admitia, por fim, que esta encadernação era análoga a outras praticadas, provavelmente, em Portugal durante o século xvi (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 139-142).

Em 1997, Pero (Pedro) Homem, cavaleiro e poeta, que, no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), evoca pela primeira vez o rei D. Denis, foi reconhecido como provável detentor do *Cancioneiro da Ajuda* no século xv²⁹. A documentação permitiu situá-lo em Évora e com conexões à corte régia, tendo falecido em 1498. Aos testemunhos já reunidos, que configuram o perfil poético deste estribeiro-mor do rei D. Manuel (1469-1521), podem acrescentar-se outras informações que reforçam a sua presença no sul de Portugal nos finais do século xv³⁰.

É o seu nome – Pedro Homem –, assinado duas vezes, em dois lugares estratégicos do códice (um na abertura, outro no encerramento) que permite, além da importância da marca de posse, reconsiderar a encadernação do *Cancioneiro da Ajuda* e antever a hierarquização das diferentes fases no arranjo da proteção do volume. Não só neste momento – séc. xv –, o *livro* estaria já formado por dois fragmentos, o *Nobiliário* e o *Cancioneiro*, como as *linhagens* antecederiam a poesia³¹. Além disso, as tábuas, a cobertura em pele,

29. A composição, que evoca o rei D. Denis (CG, I, 170), pode ser datada de 1486. A documentação sobre esta personalidade da corte de D. Manuel I, duque de Beja e rei de Portugal em 1495, que permitiu traçar o contorno biográfico e literário, encontra-se disponível no estudo sobre a importância de Pedro Homem e o *Cancioneiro da Ajuda*, in Santiago Fortuño Llorens-Tomàs Martínez Romero (eds.), *Actes del VII Congrés de l'Associació Hispànica de Literatura medieval*, Castelló de la Plana, 22-26 de setembro de 1997, Castelló de la Plana, Universidade Jaume I, 1999, vol. I, pp. 127-185.

30. À documentação conhecida, pode acrescentar-se uma sentença, depositada na Biblioteca Pública de Évora, datada do ano 1494, e outra sentença régia de 1498. Um processo com desfecho favorável à Câmara contra Pero Homem, estribeiro-mor do Rei, sobre a faculdade de não ser cobrada portagem à passagem de mantimentos pela cidade com sentença régia foi exarada em março de 1498. Outra sentença de fevereiro de 1494 (BPE Pergaminhos Avulsos, pasta 02, peça 021) dirimida por Bartolomeu Gomes, bacharel em leis e juiz do rei, relativa a um processo entre os frades do convento de São Domingos de Évora e João Afonso, Martim Afonso, Pedro Homem, Afonso Eanes e Rodrigo Eanes Ramos, estando em questão os danos provocados em uma vinha, localizada no termo de Évora, no Louredo. Estou grata a H. L. Sharrer pela indicação destes documentos que, pela data e pela menção à função, devem corresponder ao poeta detentor do *Cancioneiro da Ajuda* no século xv (Isabel Cid, «Os Concelhos e a Administração Central até finais do século xvi (Estudo de Cartas Régias Pertencentes ao Arquivo Municipal de Évora)», in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, 1ª série, 71 (1988), pp. 139-186 (pp. 172-173); Pedro Pinto «Dos manuscritos à personagem: o percurso de Álvaro Fragoso, procurador de Évora e da comarca de Entre-Tejo-e-Odiana para os feitos dos forais (revisitando a reforma dos forais de D. João II e D. Manuel I)», in *eHumanista*, 31 (2015), pp. 80-153 (p. 101). Disponível em <http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume31/ehum31.ms.Pinto.fin.pdf>; Cf. também a descrição em http://fundis.cidehus.uevora.pt/documento/3014/BPE_Pergaminhos_Avulsos_pasta_02_peca_021>).

31. Acompanhando à direita a assinatura Pero Homem, é legível a indicação *das linhagēs*, epígrafe que é também datável dos finais do século xv, e que se encontrava no fólio solto, que esteve colocado no início do códice. A decifração deste «título» é confirmada por S. T. Pedro («Análise paleográfica das anotações marginais e finais no “Cancioneiro da Ajuda”», in *A volta do*

assim como a colagem ousada de um fólio solto do *Cancioneiro* para ocultar as dobras da pele na pasta anterior, fazem pressupor intervenção de mais de um encadernador e sobretudo inferir mais de um momento na realização da encadernação que conhecemos. Não estaríamos, deste modo, perante um exclusivo ato técnico realizado em uma única ocasião.

É, em aparência, pouco crível que um poeta do século xv tenha assumido o compromisso de desprezar um fólio com composições poéticas, colando-o, ou deixando-o colar à tábua anterior da encadernação. Será, por isso, inevitável pressupor que este fólio, provido de texto, durante o tempo de Pero Homem, servira apenas como fólio de guarda e não ainda aproveitado como resguardo de uma tábua.

Admito assim que a totalidade da encadernação ajudense tenha de ser examinada com apoio em três materiais e igualmente avaliada em três estádios: (i) tábuas de madeira; (ii) fólio solto do *Cancioneiro* (fl. 74); (iii) pele de cobertura.

Uma fase, antes de 1498, deve ser associada às tábuas de madeira que agregou dois objetos fragmentados, o *Nobiliário* e o *Cancioneiro*. Alguém, letrado, reuniu, acautelando aquele conjunto de cadernos soltos, apenas com tábuas despidas sem qualquer tipo de cobertura decorativa (o próprio Pero Homem no século xv, ou alguém antes dele, que não deveria desconhecer o prestígio intelectual do Conde D. Pedro, de seu pai, D. Denis, e a correlação entre o rei poeta e seu filho, o *Nobiliário* e o *Livro de Cantigas*)³².

Em momento ulterior, foi concretizado o revestimento das tábuas com peles gravadas e com estilo, já próprio do século xvi, identificável a uma fórmula geométrica, que costuma ser designada como grelha de São Lourenço, símbolo do sacrifício do mártir, datável do período à volta de 1530, complementado por um protótipo de fechos que evoca insígnia real³³.

A esta distinção, devemos talvez associar a Rainha D. Catarina (1507-1578), e os seus interesses bibliográficos. À sua casa real estará ligado um impressor, de proveniência espanhola, Affonso Lorenzo / Alonso Lorenzo, falecido à volta de 1550, antecessor do

Cancioneiro da Ajuda..., pp. 23-59. Disponível também em <http://www.fsh.unl.pt/philologia/Pedro2004_AnalisePaleografica.pdf>.

32. Não é impossível que estas *taboas* possam corresponder ao registo – *Obras del Rey dom Denis feitas de mão de pergaminho de marca grande em taboas* – que se encontra na cópia do catálogo (1665) da Biblioteca de D. Teodósio (†1563), procedente de um inventário redigido em 1564, logo após a morte do 5º duque de Bragança. A notícia do inventário brigantino apoiaria ainda esta conjectura (se se trata do futuro *Cancioneiro da Ajuda*), porque a anotação tanto designa as *taboas* como faz menção à *marca grande*. Procurei descrever estas diferentes fases na proteção do *Cancioneiro da Ajuda* no *IV Congreso de la Asociación internacional «Convívio», Université Rennes 2, 11-13 septembre 2014* (Maria Ana Ramos, *Os segredos das encadernações de um cancionero inacabado. A propósito do «Cancioneiro da Ajuda», in Virginie Dumanoir (ed.), De lagrymas faziendo tinta*, Madrid, Casa de Velázquez [no prelo]).
33. A identificação do modelo com a grelha de S. Lourenço foi, pela primeira vez, sugerida por P. Stirnemann («La décoration du *Cancioneiro da Ajuda», in À volta do Cancioneiro da Ajuda...*, pp. 71-86).

livreiro João de Borgonha, com um sobrenome que pode ter favorecido o uso da matriz inspirada na grelha de São Lourenço, seu homónimo³⁴.

Os fechos de cobre, que se encontram partidos, apesar da colocação horizontal, têm efetivamente o formato de uma coroa. Pode ser bem admissível que o livreiro da rainha D. Catarina, Afonso Lourenço, tenha procurado reverenciar a sua comanditória, fixando o códice com fechos majestosos que simbolizariam a sua autoridade real³⁵.

A terceira etapa, que podemos entrever neste trabalho técnico, deve definir-se como uma operação, que teve de ser subsequente à aplicação da pele nas tábuas. O processo de revestimento implicou dobras da pele para o interior das tábuas, o que terá levado o encadernador, já não sensível aos materiais poéticos medievais, a camuflar as pontas dobradas (perfeitamente visíveis na edição fac-similada³⁶) com o fólio solto que se encontraria nesta posição inicial com a assinatura de Pero Homem e com a indicação da temática do primeiro fragmento do *livro – das linhaçes*.

Quer tudo isto dizer que os diferentes estádios no processo de encadernação do *Cancioneiro da Ajuda*, entre o séc. xv e o séc. xvi, consentem uma verosímil restituição histórica, preliminar ao seu achado no Colégio dos Nobres em Lisboa no século xix, ao restabelecermos pontos de referência para o seu itinerário cronológico. Não terá sido afinal apenas o grande formato que impediu maior circulação do manuscrito, mas foi uma limitação material – a ausência de encadernação – que deve explicar boa parte dos acidentes sofridos pelo *Cancioneiro da Ajuda* (recorde-se, sobretudo, o desaparecimento dos cadernos iniciais ou a inserção do atual caderno VII, que quebra o único registo numérico primitivo³⁷).

34. Às uniões pessoais luso-espanholas, recordar-se-á também a influência de Filipe II de Espanha, filho de Carlos V, neto de D. Manuel e sobrinho de D. Catarina, que se tornará Filipe I de Portugal entre 1581 e 1598. Relembre-se a devoção ao mártir, que será concretizada, por exemplo, pela consagração do mosteiro de El Escorial a San Lorenzo (vitória militar em Saint Quentin no dia S. Lourenço, 10 de Agosto de 1557).

35. M. M. F. R. da Cunha descreve a encadernação, descodificando os materiais (vitela e tábuas de carvalho de 1 cm; estilo renascentista, século xvi; fechos de cobre, 2 fêmeas [3x2,5cm] e vestígios de colchetes sustentados por tiras de pele), no seu estudo *A encadernação manuelina. A consagração de uma arte: estudo das suas características e evolução, em bibliotecas públicas portuguesas*, Tese de doutoramento, Salamanca, Facultad de Traducción y Documentación, 2011, pp. 168-169; p. 470; p. 585; p. 618. Disponível em <<http://gredos.usal.es/jspui/handle/10366/110660>>.

36. *Cancioneiro da Ajuda*, edição fac-similada do códice existente na Biblioteca da Ajuda, apresentação de M. C. de Matos, N. S. Pereira e F. G. da C. Leão, estudos de J. V. de Pina Martins, M. Ana Ramos e F. G. da C. Leão, Lisboa, Edições Távola Redonda – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico – Biblioteca da Ajuda, 1994.

37. Examinei já a colocação deste caderno, tanto do ponto vista físico, como da caracterização da escrita. Permito-me reenviar para a síntese que contempla a restituição material do códice e para o epílogo, que contempla as questões paleográficas e grafemáticas (Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e escrita*, vol. I, p. 474; p. 495; pp. 498-499; pp. 501-502); vol. II, pp. 636-694 [p. 649; pp. 651-685; p. 691]).

Não é possível deixar então de propor uma conjuntura prática bem evidente. Como é que poderá ter sido deslocado um *Cancioneiro*, inacabado e incompleto, um *livre en cours*, que não era efetivamente ainda um *livro*? Como se terá mudado de um lugar para outro um conjunto de cadernos talvez mal cosidos (o que pode justificar algumas perdas materiais)? Como é que um agregado de cadernos reunidos se encontra no século xv, muito próximo da corte régia portuguesa? É um facto que o vamos localizar nas mãos de um cavaleiro, poeta quatrocentista, procedente da pequena nobreza, mas com ligações documentadas, apesar da sua condição, ao ambiente cortesão régio português. Não é sequer inverosímil que o tivesse obtido do colação do infante D. Pedro (1392-1449), também denominado Pero Homem, filho de Pedro Afonso Costa e de Mécia Rodrigues, «amos do infante D. Pedro» documentado entre 1434 e 1452, o que aclararia a anotação avulsa, que ainda hoje subsiste no fólio, que cobriu o interior da pasta posterior: «este liuro hez do colaco do imfât»³⁸.

Considero mais improvável que o *Cancioneiro*, ao ter agora melhor definido a génese codicológica que prefigura um objeto inacabado, em vias ainda de ser ultimado, e sem resguardo, possa ter sido confeccionado em um ambiente castelhano-leonês, ou mesmo galego, comparecendo neste estado tão fragilizado na corte régia portuguesa no século xv. Nunca foi, como vimos, um códice que possa ter beneficiado de condições propícias para viajar, ou para circular, em empréstimo ou doação, de uma corte para outra (régia ou senhorial).

Não me parece, portanto, que, perante estes factos materiais, este projeto de *Cancioneiro* possa ter assumido alguma vez o perfil de um códice atrativo nem para oferta, nem para apropriação. Entrevejo-o, assim, como um agregado de cadernos, que estava ainda a ser copiado e ordenado e que, por um ou outro motivo, que nos é obscuro, assim terá provavelmente permanecido no local onde estaria a decorrer o empreendimento (contingência económica, talvez, mas não se deve eliminar uma alteração programática da coletânea, se pensarmos nas características das inclusões textuais dos últimos cadernos³⁹). Se este objeto inacabado se encontrava na corte régia portuguesa (séc. xv), é mais

38. Esta marca de posse comparece no conjunto de várias notas soltas no fólio, que esteve colado à pasta posterior. Outra anotação, que subsistiu neste fólio, regista «Dom Eduarte pela gracia de deus rei de putugal e do algarve e senoor de ceta» aponta para uma proximidade ao círculo régio português. É neste fólio, que se lê outra marca de posse que nos revela que o códice, na altura em que ela era escrita, já não se encontrava na livraria régia. Para sua leitura e identificação histórica do colação do infante, reenvio para os estudos de S. Pedro e de A. Resende de Oliveira. O historiador especifica os contornos cronológicos para a identificação do colação do infante D. Pedro com um Pedro Homem no seu trabalho, «Os cancioneros trovadorescos nos séculos xiv e xv: balanço e perspectivas», in *À volta do Cancioneiro da Ajuda...*, pp. 44-47; pp. 316-318; S. Pedro, «Análise paleográfica das anotações marginais e finais no “Cancioneiro da Ajuda”», in *À volta do cancionero da Ajuda...*, pp. 23- 59 (pp. 44-47).

39. Os últimos cadernos apresentam características peculiares, que se explicariam por mudanças na planificação do *livro* com a inserção de trovadores-clérigos e adição de outros materiais (Resende de Oliveira, *Depois do espectáculo trovadoresco*, pp. 196-197; pp. 265-267; Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e escrita*, vol. I, pp. 484-489; pp. 513-518).

razoável admitirmos que foi nela, ou perto dela, que sempre esteve. E talvez tenha de ser dada, mais uma vez, razão à hipótese de Carolina Michaëlis, quando nos sugerira para o fragmento da *Ajuda* um cancioneiro elaborado em ambiente régio português⁴⁰.

É neste ambiente português que no século XIV, ou já no século XV, uma personalidade culta preservará em um único objeto físico dois fragmentos no eixo ideológico da constituição de um códice miscelâneo quinhentista que resguardava a produção de um mesmo Autor (Conde D. Pedro), ou de Autores próximos (Conde D. Pedro e rei D. Denis). E será neste estado – um conjunto de cadernos protegido por tábuas cobertas de pele sem lombada –, que o *Cancioneiro da Ajuda* é encontrado no século XIX no Colégio dos Nobres. O «abandono» ou a «permanência» de um caderno e de alguns fólios em Évora traceja um rasto, confirmando-nos a presença e a passagem do *Cancioneiro da Ajuda* pelo ambiente da nobreza meridional com a corte régia e com a família Homem.

5. A IMPLICAÇÃO DE CAROLINA MICHAËLIS E RODRIGO VICENTE DE ALMEIDA

C. Michaëlis, após a comprovação do estádio precário do códice, esforça-se para que o fragmentado *Cancioneiro da Ajuda*, tão deteriorado, pudesse transformar-se em um objeto estável e em melhor estado de conservação. C. Michaëlis não só nos comunica a situação do *Cancioneiro*, quando o vê pela primeira vez em 1877, como nos descreve as primeiras iniciativas para sua recuperação e restauro. Não apenas como testemunha direta, mas como elemento ativo e implicado nesse processo.

As intervenções ao códice, resultantes do plano reorganizativo, foram por ela elucidadas. O caderno e os fólios eborenses não são sequer, em um primeiro momento, realmente insertos, mas colocados de forma contígua ao códice. Foi seu exame textual que procurou estabelecer uma sequência lógica de fólios e de cadernos sem numeração. Diz-nos C. Michaëlis que, a este propósito, o novo bibliotecário gostaria de «melhorar» o seu precioso objeto. Confirmar-nos-á assim que, em 1895, tinha tido

«a liberdade de instar que o deixassem intacto no triste *statu quo* histórico em que nos foi legado, mandando apromptar apenas um involucro conveniente em que o custodiassem, porque, juntando as parcelas, substituindo a encadernação antiga por outra moderna, e cerceando as margens deterioradas, com suas notas manuscritas apagavam os ténues mas ainda assim valiosos vestígios da história externa do códice que hoje servem de guia ao investigador»⁴¹.

40. Recordem-se as suas opiniões expressas sobretudo no cap. V da *Parte II* do volume dedicado às *Investigações bibliográficas, biográficas e histórico-literárias* (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 227-288).

41. A sua ingerência será determinante. Informar-nos-á, assim, que desfez «a lenda das folhas baralhadas, creada por Varnhagen a bem do seu systema de interpretação, e [deu] explicações minuciosas sobre a ordem das folhas, incluindo as de Évora». Contrariamente a Stuart

Este juntar as frações, sob a sua responsabilidade, será indispensável para a percepção da disposição sequencial e material do códice, que conheceremos. Previne-nos que, ao recoser das folhas, «utilizaram p. ex. os furos antigos, conservaram as capas antigas, deixando a lombada descoberta», substituindo «cordões primitivos»⁴². No entanto, o ter colocado tudo em uma mais apropriada ordem implicou a introdução de um sistema de numeração operacional para as referências textuais na sua edição. E na ausência de uma numeração primitiva, salvo em dois cadernos com registo, que pudesse permitir melhor conjectura quanto ao número exato de lacunas, C. Michaëlis reconhecia que o sistema numerativo, que incluía o *Nobiliário*, não lhe convinha⁴³.

É neste contexto que Carolina Michaëlis se refere ao esmero de Rodrigo Vicente de Almeida (1828-1902), oficial da Biblioteca da Ajuda⁴⁴. Em modos elogiosos atribui-lhe

(1823), Varnhagen tinha já incluído na sua edição de 1849 os fólhos eborenses «copiados por Herculano» (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, p. 21, n. 1; p. 102).

42. Não devemos esquecer que, quando C. Michaëlis viu o *Cancioneiro* em 1877 e em 1890, segundo sua indicação, «o volume todo andava retalhado em seis parcelas» (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, p. 102, n. 3; p. 145). A filóloga alemã não procurou restituir apenas a melhor lição textual, mas tentou também reconstruir uma uniformidade material perdida, uma atitude codicológica, poderíamos dizer, *ante litteram*. Esta perspetiva foi fundamental para a conceção do primeiro restauro do códice (Ramos, *O Cancioneiro da Ajuda. Confeção e escrita*, vol. I, pp. 447-454). Além disso, deu-nos indicações de mudanças que testemunhou diretamente. Em 1890, após a sua primeira transcrição textual de 1877, detetou o que julga ser uma deterioração pontual do códice. Ao pretender cotejar a sua edição diplomática, preliminar ao seu trabalho crítico, verifica que o *Cancioneiro* se encontrava, no geral, no mesmo estado presenciado em 1877, ressaltando, no entanto, a nota *Rey Dō Denis* no corte inferior das folhas, na goteira, que, no seu entender, se tinha tornado ilegível.
43. É este um dos problemas, relativo às referências a este *Cancioneiro*. Mesmo na apresentação pública do novo restauro foi justificado o sistema de foliação contínuo, que teve em conta o *Nobiliário* e o *Cancioneiro*, considerando as duas unidades codicológicas como uma única, retirando autonomia numérica ao fragmento poético, como pretendia C. Michaëlis (Aires A. Nascimento, «O restauro do *Cancioneiro da Ajuda: entre conservação de salvaguarda e estima pelos maiores*», in *À volta do Cancioneiro da Ajuda...*, pp. 282-291).
44. Ramalho Ortigão (1836-1915), diretor da Biblioteca da Ajuda (1895-1911), no seu relatório de atividades sobre a Biblioteca da Ajuda, apresentado a D. Manuel II em 1908 (BN, E19/3, Ramalho Ortigão, *Ajuda: Relatório [da] Bibliotheca [1908]*, s.l.), menciona Rodrigo Vicente de Almeida como um dos resistentes à modernização da biblioteca: [f. 10r] «Devo dizer que a memória e o tino bibliothecnomico do official Rodrigo Vicente de Almeida supriam maravilhosamente estas capitaes e profundas deficiencias bibliograficas. Almeida, que contava cerca de oitenta annos de idade, e desde a sua infancia servira na Bibliotheca com inexcédível zelo e exemplarissima fidelidade, primeiro como moço, depois como guarda e enfim como official, // [f. 11r] ocorria a tudo, e sob a simples indicação do titulo da obra ou do nome do auctor descobria em poucos minutos qualquer livro que se requisitasse. Como todo antigo funcionario experiente, encanecido no serviço, deligente, tradicionalista e tenaz, Almeida era refractario a toda a reforma e a toda a inovação nos serviços da livreria a que, pelo profundo conhecimento que d'ella tinha, bem podia considerar sua. O receio de o desgostar - e era melindrosissima a sua sensibilidade - foi um dos maiores obstaculos // [f. 11v] com que tive de lutar para tornar regular e nitidamente accessivel ao estudo a Bibliotheca Real». Informa-

qualidades como «diligente official» e como «digno e zeloso», agradecendo-lhe o empenho para a sua edição:

«Pelo que sei, o diligente official Rodrigo Vicente de Almeida tomou a peito vigiar pela escrupulosa execução de algumas das lembranças de quem entre os vivos, certamente, havia estudado com mais afinco e fervor esses singelos e desbotados cantares de amor dos trovadores portugueses. Ao recoser das folhas utilizaram p. ex. os furos antigos, conservaram as capas antigas, deixando a lombada descoberta. Mas, como julgaram necessario juntar as parcelas, tiveram de substituir os cordões primitivos, retalhados pelos saqueadores, por outros novos, de sorte que já não é possível reconhecer hoje os troços em que o volume andara dividido»⁴⁵.

No espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Epistolário* (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra), encontram-se algumas cartas autógrafas de Rodrigo Vicente de Almeida⁴⁶. Entre conteúdos múltiplos, algumas documentam os esforços diligenciados na melhor preservação do *Cancioneiro da Ajuda* [Ms. CMV 1/30; Ms. CMV 1/31]⁴⁷.

Em uma carta, datada de 7 de novembro de 1897 [Ms. CMV 1/44], Rodrigo Vicente de Almeida informa que esteve na Biblioteca Nacional e fez a cópia, o mais integral possível, do manuscrito de Morais Sardinha «Do famoso, & antiquissimo Parnaso...» (1618)⁴⁸. Relativamente a João Caminha, filho de Pero de Andrade Caminha, envia um extrato de uma genealogia, que apenas menciona os membros varões da família. Adverte ainda que perguntou a Gabriel Pereira sobre a existência da *Crónica de Cascão*⁴⁹ e que

ção disponível em: <<http://bibliotecadaajuda.blogspot.ch/2015/02/ramalho-ortigao-porto-1836-lisboa-1915.html>>.

45. O dedicado funcionário volta a ser mencionado, quando se refere às numerações a lápis inseridas nos fólhos do *Cancioneiro*, atribuindo-lhe a responsabilidade de uma delas (Michaëlis, *Cancioneiro da Ajuda*, 1904, vol. II, pp. 102; p. 137).
46. Em outro momento, conto ocupar-me da correspondência de Rodrigo Vicente de Almeida enviada a Carolina Michaëlis. Encontram-se depositadas em Coimbra 26 cartas, datadas entre 1890-1897.
47. A restante correspondência decorre dos serviços de copista e de investigação bibliográfica que Rodrigo Vicente de Almeida prestava a D. Carolina. Menciona textos copiados, métodos, dificuldades de transcrição e honorários. Agradeço muito reconhecida a disponibilidade da Dra. Isabel João Ramires da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, no proporcionar-me respostas às informações solicitadas.
48. *Do famoso, & antiquissimo Parnaso, que avia no mundo, agora novamente achado, e descoberto em villa viçosa adonde está, de que he apollo o... Principe Dom Theodosio segundo deste nome... / dirigido ao mesmo principe Apollo deste famoso Parnaso por Francisco de Moraes Sardinha* [COD 107 da BN de Portugal]. Cf. *O Parnaso de Vila Viçosa: leitura do texto, introdução, notas e índices* de Christopher C. Lund, Rio de Janeiro, H. P. Comunicação, 2003.
49. Gabriel Victor do Monte Pereira (Évora 1847-Évora 1911), estudioso eborense, foi conservador e diretor da Biblioteca Nacional. A *Crónica de João Cascão* corresponde à narrativa da jornada d'el-rei D. Sebastião quando partiu da cidade de Évora. Cf. *Uma jornada ao Alentejo e ao Algarve: a alteração das linhas de força da política nacional* [texto do cronista João Cascão],

aquele desconfia da existência de um exemplar na livraria do Conde de Tarouca. Refere não ter ainda podido fazer a introdução à «Carta do Infante D. Luiz»⁵⁰.

Talvez ainda em 1897 [Ms. CMV 1/46], pelo conteúdo da missiva, envia, juntamente com a carta, cópia dos «Epigramas» inéditos de Pero de Andrade Caminha, com numeração original e também com o cômputo que lhe atribuiu, dadas as supressões feitas pelo próprio autor e pela censura⁵¹.

Relacionada com o *Cancioneiro da Ajuda* é a carta, endereçada a D. Carolina, datada da Ajuda [Lisboa], 24 de abril de 1893 [Ms. CMV 1/30]. Rodrigo Vicente de Almeida comunica ter recomendado que se aplicasse o auxílio financeiro do rei à Biblioteca da Ajuda no fabrico de uma nova proteção para o códice do *Cancioneiro da Ajuda*. Submete ainda à aprovação de C. Michaëlis os trabalhos provisórios que realizou relativamente ao «Nobiliário do Conde D. Pedro» (do códice que contém o *Cancioneiro*). E, mais surpreendentemente, solicita ainda instruções quanto à ordenação das «folhas» do *Cancioneiro*:

«[...] depois de muita dificuldade, obteve-se d'ElRei dar um auxilio mensal de 10\$000 reis, para a conservação material e mais urgente da Bibl. da Ajuda. E, sendo eu consultado, qual deveria ser a primeira applicação dessa verba, propuz que se destinasse ao Cancioneiro da Ajuda, como obra capital da mesma bibliotheca. Continuando o meu humilde parecer, propuz que se mandasse fazer uma caixa ou cofre de madeira do Brazil, singelo e modesto, mas decente para resguardar o precioso livro: e, directamente a este lembrei que, simplesmente fossem cosidas as folhas e estas a capa de madeira pelos antigos orificios. Como alguém observasse que desta forma ficava com uma apparencia muito feia, por ficar sem lombada, e as pastas carunchosas e faltas de couro; lembrei que, para satisfazer a esse agradável sem prejudicar o util (como eu considero a actual capa, que no confronto com outras, tem mais de tres seculos) lembrei, digo, que se fizesse uma capa de vestir por cima da actual; tendo aquella toda a apparencia de uma boa capa fixa, sendo bem cartonada,

introdução e notas de Francisco de Sales Loureiro, Lisboa, Livros Horizonte, 1984; António Resende de Oliveira, «D. Francisco Manuel de Melo, historiador», in *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 6 (2009), pp. 17-60 [pp. 52-53] e também M. Teixeira Anacleto, S. Augusto, Z. C. Santos (coord.), *D. Francisco Manuel de Melo e o barroco peninsular*, Imprensa da Universidade, Coimbra-Salamanca, 2010, pp. 209-264 [pp. 254-255].

50. A livraria Tarouca foi, entretanto, adquirida pela BN em 1971. São conhecidos os interesses de C. Michaëlis pelo Infante D. Luís (1506-1555), filho do rei D. Manuel, no âmbito dos seus estudos camonianos. Uma síntese pode ser lida no verbete «Infante D. Luís» de Luís de Sá Fardilha, in V. Aguiar e Silva (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Ed. Caminho, 2011, pp. 486-489.
51. Consulte-se, por último, Vanda Anastácio, «Pêro Andrade de Caminha e Carolina Michaëlis de Vasconcelos: achegas para a história da edição de Joseph Priebsch», in M. M. Gouveia Delile, J. N. Corrêa-Cardoso, J. Greenfield (coord.), *Carolina Michaëlis e Joaquim de Vasconcelos. A sua projecção nas artes e nas letras portuguesas*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2013, pp. 471-500.

para figurar com consistencia os quatro cantos, ou angulos rectos, o que não tem a capa actual, que em dois delles lhes falta mais de um decimetro de madeira. Por esta forma entendi que satisfazia aos consultantes do Cancioneiro e Nobiliario, podendo manusear o livro, sem detriorar mais a velha encadernação; e ao mesmo tempo poder-se analisal-a artisticamente. Antes de effeitoar-se esta minha proposta, foi ella submetida ao parecer do sr Dr. Teixeira d’Aragão, que a confirmou.

Até aqui a reforma, por assim dizer, material ; porem d’aqui em diante, ou na parte litteraria, é que não posso deixar de importunar V. Exa. recorrendo ao Seu unico e especial auxilio, pelo vasto conhecimento que tem do assumpto. Já comecêi nesta parte com o seguinte trabalho provisorio, dependente da aprovação ou direcção de V. Exa. Primeiramente nomeiei a lapis todas as folhas por paginas, na ordem em que se achavam. Depois, munido de tres exemplares mss. do Nobiliario do Conde D. Pedro colloquei as folhas do Nobiliario (do Cancioneiro) pela ordem do assumpto n’aquellas seguido. Seguia-se o Cancioneiro, em que eu nada fiz nem sei fazer. Eu tenho um exemplar meu da edição de Varnhagen; dever-se-hão collocar as folhas do grande Cancioneiro pela ordem das canções no seu livrinho? Valha-me V. Exa. com o seu parecer ou plano, como unico recurso para que esse precioso livro não fique vandalizado por mãos profanas. V. Exa. fará um grande serviço ás letras ; e honra a mim por haver procurado e obtido tão competente direcção: augmentando assim mais a justa honra que tenho de poder-me assignar [...]»⁵².

No espólio, encontra-se também um rascunho de D. Carolina, muito riscado e emendado, que parece ser um borrão inicial com algumas questões a requerer ao funcionário da Biblioteca da Ajuda. Trata-se do aproveitamento de envelope para debuxo com selo e carimbo postal datado de 26 de abril de 1893 [Ms. CMV Série B.1.1, 71].

Em outra carta, datada de 1893, enviada a Joaquim de Vasconcelos, em *Post Scriptum*, interroga-se sobre o prosseguimento da publicação do *Cancioneiro* [M. JV Cx1 (Almeida, R. V. de):

«Fechei a carta para a Ex^{ma} Snr^a. D. Carolina, não me lembrando de fazer-Lhe duas perguntas mais; Já está publicado na Allemanha o Cancioneiro da Ajuda? No Cancioneiro do Vaticano ha canções do da Ajuda ? Peço a V. Ex^a. de comunicar á Senhora estas perguntas, e desculpe-me tanta massada».

Esta pergunta, formulada em 1893, confirma a comunicação dada já por Joaquim de Vasconcellos a Ferdinand Denis em 1878, ao anunciar que a edição crítica do *Cancioneiro da Ajuda*, realizada por sua Mulher, estava concluída⁵³. Na realidade, a carta, datada de 12

52. As passagens colocadas em evidência são da minha responsabilidade.

53. A carta é endereçada ao conhecido historiador francês, autor de *Portugal* (Paris, Firmin Didot Frères, Éditeurs, 1846), que foi conservador da Biblioteca Sainte-Geneviève, onde se encontra depositada a missiva. Joaquim de Vasconcellos mencionava as transposições de fólhos,

de Maio de 1878, prognosticava que a edição do *Cancioneiro da Ajuda* «dentro de mais ou menos quinze dias», o que quer dizer que a fixação crítica dos textos estaria já terminada naquela data. No entanto, o *Cancioneiro* começará a ser impresso apenas em 1895, quinze anos mais tarde, para o I volume e, em 1900, iniciar-se-á o II, dedicado aos estudos de essência literária⁵⁴.

Neste mesmo ano, no Porto, pouco antes da carta de seu Marido, a 6 de abril de 1878, Carolina Michaëlis escrevia a Teófilo Braga, em francês, esclarecendo o estado da sua edição finalizada para publicação [TB 1580]⁵⁵:

«Monsieur,
je vous remercie bien de l'envoi de votre « *Cancioneiro da Vaticana* » (restitué). N'ayant fait jusqu'ui que le parcourir, je ne puis vous dire si tôt ce que j'en pense. D'ailleurs personne n'en saurait donner la critique dans une lettre de quelques pages. Je reviendrai sur le champ à propos d'une édition du *Cancioneiro da Ajuda* que je prépare depuis un an. Mr. Niemeyer de Halle, l'éditeur du Canc. da Vaticana, a bien voulu rendre encore ce service au Portugal. Il a accepté toutes mes conditions

lacunas, etc.: «Je mets aujourd'hui à la poste les fac-similes du *Cancioneiro da Ajuda*... J'ai dû recourir à mes notes que j'ai tirées à Ajuda. Madame a dû aussi fouiller ses manuscrits car elle est sur le point de publier chez M. Niemeyer (libraire de Halle qui a édité le *Cancioneiro da Vaticana*) une nouvelle édition du dit *Canc.^o d'Ajuda*, une édition critique avec une *Introduction* assez étendue, des notes nombreuses, des fac-similes, etc.; les éditions d'ailleurs très méritables de Lord Stuart et de M. Varnhagen ne pouvant se soutenir aujourd'hui en face de la critique. Il suffit de vous dire que ces Messieurs ne se sont pas aperçus des nombreuses transpositions de feuilles du codex d'Ajuda, du manque de feuilles, d'aucune des centaines de notes et corrections marginales de trois siècles différents (assez difficiles à lire, il est vrai) etc. etc. Presque tout est à refaire et Madame a eu une peine immense à préparer son manuscrit qui entrera sous presse dans quinze jours, tant-au plus». Desta carta, C. Cunha deduz que C. Michaëlis mudara o projeto inicial de publicação, já terminado em 1878, por ter sido informada da descoberta do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, o que lhe exigiria novos e numerosíssimos confrontos textuais (Celso Cunha, «Uma carta de Joaquim de Vasconcellos sobre o Cancioneiro da Ajuda», in *Boletim de Filologia*, XXVIII (1983), pp. 317-327 [p. 320]).

54. Caracterizei já o procedimento editorial de C. Michaëlis e a maneira de conceber a reconstituição textual do *Cancioneiro da Ajuda* (Maria Ana Ramos, «O Cancioneiro ideal de D. Carolina», in *O Cancioneiro da Ajuda, cen anos depois*, pp. 13-40). Algumas opiniões acerca da atividade científica de C. Michaëlis, não circunscritas ao *Cancioneiro*, foram expressas nos *Colóquios*, que lhe foram dedicados no Porto em 2001 e em 2009 (*Actas do Colóquio Internacional Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) nos 150 anos do seu nascimento. Nos 75 anos da sua morte*, Porto, Escola Secundária Carolina Michaëlis – Faculdade de Letras da Universidade do Porto, in *Revista da Faculdade de Letras. Línguas e Literaturas*, II Série, XVIII (2001); M. Manuela G. Delille, J. N. Corrêa-Cardoso, J. Greenfield (coord.), *Carolina Michaëlis e Joaquim de Vasconcelos. A sua projecção nas artes e nas letras portuguesas*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2013).
55. Esta carta encontra-se publicada na correspondência endereçada a T. Braga (Rodrigues, *Correspondência para Teófilo Braga...*, p. 43).

et n'attend que l'envoi de mon Ms. qui doit partir ces jours-ci. L'introduction et les notes seront publiées en portugais.

Vous parlez monsieur, pp. VIII et CVI d'une prochaine édition du C. da Ajuda ; Mr. Varnhagen en a promis aussi une, comme vous saurez. Je ne veux plus compter sur les promesses de l'Académie de Lisbonne qui a aussi annoncé de sa part une édition de ce même Cancioneiro. Il va sans dire que je n'ai nulle intention de dissuader personne, ni vous, ni Mr. Varnhagen, ni l'Académie de publier leurs éditions. Mais il est de mon devoir de vous informer de mon projet pour éviter un double emploi. J'espère que mon édition critique pourra paraître cette année même.

Veillez accepter, monsieur, l'expression de toute ma reconnaissance

Carolina Michaëlis de Vasconcellos»

Em outra carta, com data também da Ajuda [Lisboa], de 13 de maio de 1893, Rodrigo Vicente de Almeida, volta a aludir à importância da salvaguarda do *Cancioneiro da Ajuda* [Ms. CMV 1/31]. Agradecendo o envio das recomendações de Carolina Michaëlis, que lhe permitiram reordenar as folhas do *Nobiliário*, confirma a disposição das folhas do *Cancioneiro da Ajuda*. Dá, além disso, notícias relativamente a questões de saúde e a assuntos profissionais:

«[...]As successivas horas empregadas no erudicto trabalho que me enviou, prejudicaram certamente o precioso e sempre limitado tempo de que V. Ex^a. dispõe; e para cuja compensação só posso dar á conta o meu eterno reconhecimento. Como felizmente, eu tinha numerado as folhas todas do Cancioneiro pela ordem em que as encontrei, facil me foi collocar as do Nobiliario – que eu tinha posto na ordem do assumpto – no seu logar primitivo. Tem aqui logar, notar a V. Ex^a., quanto me intrigou o assumpto do Titulo 21^o, do qual a maior parte não se acha nos quatro exemplares do Nobiliario que consultei. Passando ao Cancioneiro, propriamente dito, confrontei-o com a tabella que V. Ex^a. me forneceu, e vi que as folhas ainda se achavam na ordem ali indicada; o que acabou de me certificar uma numeração a lapis, que descobri na parte inferior da margem esquerda de todas as folhas: trabalho provavelmente de V. Ex^a. Visto isto, as folhas seram assim cozidas, embora nesta ordem se achem numeros superiores por entre outros inferiores, taes como a folha 120 entre as 43 e 44; 117 e 118 entre 54 e 55, etc. porque este logar occuparam quando foram encadernadas no seculo 16^o [...]»⁵⁶.

Em 28 de dezembro de 1897 [Ms. CMV 1/45], sempre na Ajuda, Rodrigo Vicente de Almeida pergunta em *Post Scriptum* se D. Carolina recebera apontamentos enviados

56. Estas «folhas» correspondem a fólhos, provenientes de Évora: folha 120 = fl. 4; folha 43 = fl. 3; folha 44 = fl. 5 (caderno I); folha 117 = fl. 16; folha 118 = fl. 17; folha 54 = fl. 15; folha 55 = fl. 18 (caderno III).

sobre o *Cancioneiro da Ajuda*⁵⁷. Remetera-lhe resultados de pesquisas e cópias que efetuou sobre a genealogia de Pero de Andrade Caminha, nomeadamente as genealogias dos Caminha, escritas por Belchior de Andrade Leitão⁵⁸:

«Peço a V. Ex.^a. de mandar-me dizer em um postal, se ahi recebeu ha dias os apontamentos que Lhe enviei sobre o Cancioneiro; pois não tenho inteira confiança no correio».

Quer isto dizer que, em 1893, não só foi preparado o invólucro para a proteção do códice, como decorreu também nesta altura a inserção dos fólhos eborenses sob o controle de Rodrigo Vicente de Almeida com vigilância epistolográfica à distância de Carolina Michaëlis.

6. O *CANCIONEIRO DA AJUDA* HOJE

Podemos assim afirmar que, tanto quanto conhecemos foi a família Homem (Pedro Homem, colação do infante Afonso V nos finais do séc. XIV) e, em particular, o estribeiro-mor do rei D. Manuel I, o poeta Pedro Homem, que, em um ambiente meridional português, promoveu a preservação do *Cancioneiro da Ajuda* no século XV, protegendo-o de uma perda, ou de um extravio, ao dar-lhe um sinal de propriedade e ao interligá-lo com outro fragmento por duas tábuas, provavelmente desguarnecidas.

A esta família da pequena nobreza, talvez seja necessário comprometer a rainha D. Catarina. Quer tenha sido um dos seus livreiros, Afonso Lourenço, quer tenha sido outro responsável, que se tenha guiado pelo martírio de S. Lourenço para a decoração, é um facto que a eleição do modelo dos fechos em forma de *coroa*, pretendeu venerar um promotor régio.

E, se do século XVI ao século XIX, pouca informação inequívoca nos resta, será ainda no sul de Portugal na Biblioteca Pública de Évora, que se encontrarão depositados materiais avulsos do *Cancioneiro*, o que comprova a ligação do *fragmento-cancioneiro* a esta região, onde muito permaneceu a corte régia portuguesa.

Se a intercessão de Lord Stuart é indiscutível na divulgação pública (mesmo limitada) do *Cancioneiro*, em 1823, tal como se encontrava no Colégio dos Nobres, são já iniciativas institucionais que o vão tutelar (a transferência do Colégio para a Biblioteca Real, depois, Ajuda), mas será, ainda mais, a mediação essencial de Carolina Michaëlis, que promoverá a reencadernação oitocentista do *Cancioneiro da Ajuda*, dando-lhe a

57. Não identifiquei ainda os «apontamentos», que Rodrigo Vicente de Almeida lhe terá enviado sobre o *Cancioneiro da Ajuda* em 1897.

58. Belchior Andrade Leitão (?-1717), escrivão e autor genealógico. O importante nobiliário manuscrito, *Famílias do Reyno de Portugal*, encontra-se depositado na Biblioteca da Ajuda (vários volumes).

forma que vamos conhecer até ao final do século xx. Ao seu nome, deve ser também associado o oficial da Biblioteca da Ajuda, Rodrigo Vicente de Almeida, com responsabilidade relevante na reordenação dos cadernos, como, agora, melhor demonstram as cartas endereçadas a Carolina Michaëlis.

O último restauro do códice, executado em 2000, não só integrou pela primeira vez uma lombada como, através das marcas da furação, retirou algumas conclusões referentes a estádios prévios⁵⁹. Como se presumia já pelo aparo de alguns fólhos, aquela encadernação não se adequava ao códice nem fora para ele prevista. Portanto, encontramos perante uma encadernação alheia e reaproveitada para estes dois danificados objetos – *Nobiliário* e *Cancioneiro* – e, tanto um como outro, revelavam ter sido readaptados àquele formato. O reajuste é aliás notório não só pelas duas costuras, mas pelo mencionado corte de alguns fólhos bem visível no *Cancioneiro*, mais até do que no próprio *Nobiliário*⁶⁰.

Deste novo restauro, além da inclusão da lombada, é importante salientar a descolagem do fólio que estava fixado à pasta posterior, que contém diversas inscrições e notas avulsas, mas cujo verso se encontrava em branco sem qualquer tipo de texto. Além de nova construção do caderno III, com a reunificação de dois fólhos soltos, e da inserção independente do fl. 74 e do fl. 88 (fólhos que estavam no início do códice), o restauro procedeu apenas a mudanças de posição de carcelas e pestanas que, na maioria dos casos, procurou restituir a regularidade material imposta pela regra de Gregory⁶¹.

59. O restauro foi efetuado, como comprova a notícia publicada no relatório do restauro do *Cancioneiro da Ajuda*, em 1999–2000. O trabalho técnico ocorreu nos *Laboratórios de Conservação e Restauro* da Torre do Tombo sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian e com acompanhamento de Aires A. Nascimento (*Newsletter*, Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 24, Novembro–Dezembro de 1999, p. 3). A apresentação do novo estado do códice decorreu durante a exposição *A Imagem do Tempo: Livros Manuscritos Ocidentais* (Lisboa, 23 de Março a 2 de Julho de 2000). Em sessão pública de 27 de junho de 2000, no termo da exposição, foi dado conhecimento na Fundação Calouste Gulbenkian das principais intervenções efetuadas no restauro do *Cancioneiro da Ajuda*. E no *Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904–2004)*, na sessão, efetuada na Biblioteca da Ajuda (12 de Novembro de 2004), Aires A. Nascimento apresentou as circunstâncias e o tipo de operações realizadas no códice. Esta comunicação, intitulada, «*O restauro do Cancioneiro da Ajuda: entre conservação de salvaguarda e estima pelos maiores*», está disponível no e-book in *À volta do Cancioneiro da Ajuda...*, pp. 275–305.

60. Ainda que sejam nítidas as duas unidades codicológicas (*Nobiliário* e *Cancioneiro*), a operação de restauro contemplou-as como uma única, referindo inclusivamente uma numeração fascicular sucessiva entre o *Nobiliário* e o *Cancioneiro da Ajuda*. No *Nobiliário*, ao averiguar-se, contudo, coincidência parcial com os incrustes das pastas, foi permissível supor que esta encadernação tinha sido usada nele em primeiro lugar, e só reutilizada depois para os dois objetos em simultâneo.

61. O restauro partiu, quase sempre, da indicação material que os cadernos e fólhos soltos ofereciam, quer favorecendo as carcelas pela orientação do pergaminho (pele e carne), mantendo, no entanto, a sequência que conhecíamos desde o trabalho de Carolina Michaëlis. Não houve deslocamentos, nem reajustamentos de fólhos ou alteração sequencial de cadernos, muito embora fosse reconhecido que havia elementos desordenados.

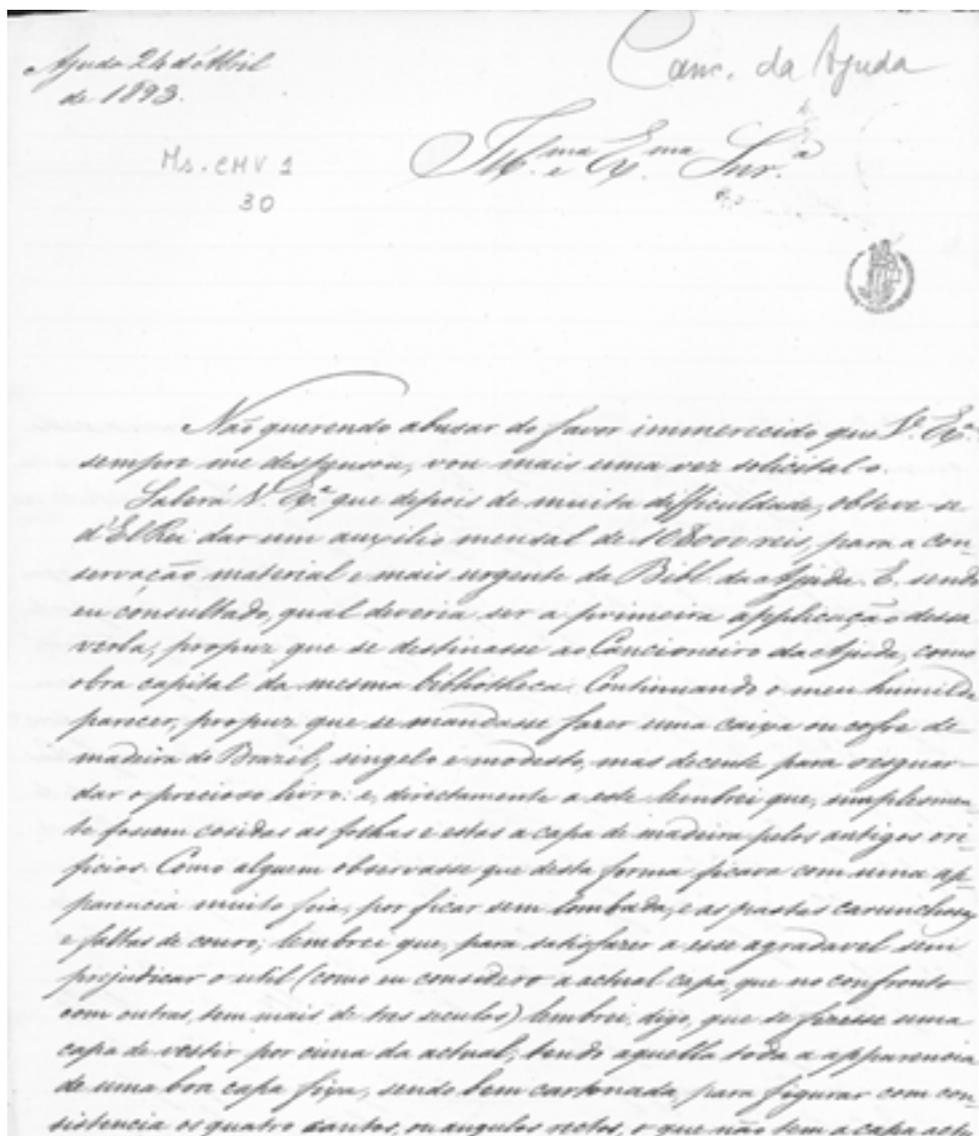
Não compartilho, entretanto, do ceticismo de M. Arbor declarado no seu ensaio sobre a história complexa do *Cancioneiro da Ajuda*. Retrata-nos um restauro de tal modo interventivo que a situação presente pouco se adequaria àquela em que se encontrava o *Cancioneiro da Ajuda*, mesmo antes da intervenção de Carolina Michaëlis. Não creio que o estado atual tenha tornado o *Cancioneiro da Ajuda* em outro objeto⁶².

É necessário relevar que a intervenção não interferiu nem na reordenação dos cadernos, nem na sequência textual. As principais mudanças referem-se ao caderno III – união em um único bifólio dos fl. 16/p. 109 e fl. 17/p. 111 [fl. provenientes de Évora], montados em carcelas, que se encontravam separados como fólhos lacunares; ao caderno V – o fl. 29/p. 135 [fl. proveniente de Évora] apresenta agora a carcela moderna voltada à direita e não à esquerda; caderno VI – o fl. 36/p. 149 [fl. proveniente de Évora] mostra também agora a carcela moderna voltada à direita e não à esquerda; caderno VII^a – o fl. 46/p. 169 foi cosido separadamente, isolado quer do caderno VII, quer do caderno VIII, mantendo-se a pestana de origem voltada à esquerda; caderno XI^a – o fl. 74/p. 225 foi também cosido separadamente isolando-o quer do caderno XI quer do caderno XII, apresentando a carcela voltada para a direita; caderno XIV – descolagem do fl. [87]/p. [251] e inserção neste caderno constituindo um bifólio com o fl. [86]/[p. 250] e caderno XIV^a – o fl. [88]/[p. 253], cosido separadamente, apresenta a carcela voltada para a direita e não para a esquerda.

Não há, portanto, qualquer variação sequencial à que conhecíamos do *Cancioneiro da Ajuda* (descrição de C. Michaëlis e da edição fac-similada⁶³). Mais do que isso. Pela primeira vez, beneficiamos de um restauro técnico que, dissociado de qualquer condicionamento literário, comparativo, ou reconstrutivo, com outros cancioneiros, oferece-nos um objeto *legitimado pela materialidade*. Esta nova situação de índole técnica (posição de pestanas e carcelas) desafia-nos, pelo contrário, ao reexame de estádios precedentes do *Cancioneiro*, sobretudo no que diz respeito às lacunas físicas e à configuração materialmente coerente dos fólhos. Se há algum lamento a ecoar, ele virá da inclusão da lombada, resguardo que, também pela primeira vez, introduzido na história do códice, nos ocultará mais definitivamente a evidência da sucessão dos cadernos.

62. Não penso que seja necessário evocar Marcos: *Ninguém põe vinho novo em odres velhos. Se alguém fizer isso, os odres reventam, o vinho se perde, e os odres ficam estragados. Por isso, vinho novo é posto em odres novos* (Mc. 2.22). A intervenção foi reduzida ao mínimo e unicamente enquanto ato técnico indispensável para salvaguardar o exemplar na sua integridade material (sujidade acumulada; vestígios de antigos restauros; vestígios de fita adesiva; desidratação, infrações à regra de Gregory, etc.).

63. Acompanha a edição fac-similada do *Cancioneiro da Ajuda* de 1994, já mencionada, uma brochura com vários estudos (J. V. de Pina Martins, M. Ana Ramos e F. G. da C. Leão), complementados por índices com o *incipit* das cantigas, nomes de autores, possíveis lacunas e esquema da constituição dos cadernos, que, agora pode ser confrontado com o desenho dos cadernos traçado pelos técnicos do restauro. Leia-se o importante contributo de Aires A. do Nascimento, acompanhado do registo esquemático de todos os cadernos, «O restauro do *Cancioneiro da Ajuda*: entre conservação de salvaguarda e estima pelos maiores», in *À volta do Cancioneiro da Ajuda...*, pp. 275-305 (pp. 298-305).

APÊNDICE⁶⁴

64. Com a cordial autorização da Direção da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes –, reproduzo aqui o fac-símile das duas cartas de Rodrigo Vicente de Almeida a Carolina Michaëlis (Ms CMV 1 30; Ms CMV 1 31), utilizadas neste trabalho. Renovo o meu agradecimento à inestimável colaboração da Dra. Isabel João Ramires, responsável pelo espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcellos.



entre outros inferiores, tais como a folha 180 entre as 182 e 183,
117 e 118 entre 54 e 55, etc. por que este lugar occuparum
quando foram encasernadas no volume 18?

Confesso-me muito perturbado com S. Ex.^a e Sr.
Ep.^{mo} Theodoro e seus conselheiros, pela indecisa que tomam em
minhas duvidas, e tão impropios logos e tratamentos que S. Ex.^a
me accordelha, por que quando o Sr. J. A. de S. Tr. tinha adivinua-
ido, por effeito de uma parte de um mesmo tratamento, pois
que, tendo eu apanhado uma grande constipação, affligui-
the um maldito a portuguez, com que elle retirou, levando
com si a maior parte da d'or, que successivamente dea-
pareceu.

Acabando por onde devia começar, peço a S. Ex.^a
que quira desculpar a falta, de não ter já agradecido ha
mais tempo e em favor, falta a que me obriga uma circum-
stancia regia e urgente, que para a subsistirem tralheci
noze dias de compressão de gta qual recebi por compensação
e seguinte: em dia 12 de corrente recebi da Administração da
Cassa real uma circular, pela qual, em propositão dos annos
empregados e criados da successora casa, me seria descontado em

deijo:

Apito me recomende a seu Ex^{ma} e Barão, e meo. Amigo, e bem assim a seu caro Filhinho, de quem desejo se tenham sempre as melhores noticias. Equize cumprimentos e recommendações a vossa querida mulher, que muito agradece as lembranças de S. P.^a

Seu como a maior consideração

D. N. S. P.^a

e mais respectuoso e grato Filho

Antônio Vicente de Almeida